



DIREITO À IMAGEM X DIREITO À INFORMAÇÃO: PRODUÇÃO DE FOTOGRAFIAS DE PESSOAS ENVOLVIDAS EM UM CRIME PARA DIVULGAÇÃO NA MÍDIA IMPRESSA

Thaisa Sallum Bacco¹
Roberto Aparecido Mancuzo da Silva Júnior²
UNOESTE- Universidade do Oeste Paulista

FACOPP – Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” de Presidente Prudente

Resumo

Este artigo analisa a divulgação de fotografias do suspeito de assassinar uma criança de nove anos em Presidente Prudente. São imagens publicadas em dois jornais prudentinos, *Oeste Notícias* e *O Imparcial*, durante a cobertura do crime, nos dias 26 e 27/04/2008. A metodologia utilizada é a desconstrução analítica, para identificação do uso dos recursos técnicos e dos elementos da linguagem fotográfica na construção do discurso imagético. A partir disso, discute a geração de sentido do repórter fotográfico e do veículo de comunicação. E também aborda a questão do direito à imagem e o papel do fotojornalista ao respeitar esse direito sem ferir o direito à informação.

Palavras-chave: linguagem fotográfica, intencionalidade de comunicação, geração de sentido direito à imagem.

Key-words: photo, photography language, intention of communication, image due.

¹ Jornalista formada pela Universidade Estadual de Londrina, especialista em Educação pela Unesp de Presidente Prudente, mestre em Comunicação pela UEL e professora na Universidade do Oeste Paulista (Unoeste/Presidente Prudente).

² Jornalista formado pela Universidade Estadual Paulista (Unesp/Bauru), especialista em Comunicação Empresarial pela PUC/PR, mestre em Comunicação pela UEL e professor na Universidade do Oeste Paulista (Unoeste/Presidente Prudente)



1 Introdução

Crimes envolvendo crianças costumam comover a sociedade quando são divulgados pela mídia. Menos de dois meses após a morte de Isabella Nardoni, de 5 anos, ocorrida em 29/03/08, outro assassinato de criança, registrado em Presidente Prudente, Oeste do Estado de São Paulo, ganhou repercussão nacional.

Era 23 de abril de 2008 quando Danilo de Souza Oliveira, de 9 anos, foi encontrado, pelo próprio pai, caído no chão de casa com facadas no peito. O que chamou a atenção da imprensa era que a residência, bastante simples, está localizada dentro da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste).

Três dias após o assassinato, um homem confessou o crime à polícia, dizendo que matou o garoto, que era seu conhecido, porque foi surpreendido por ele no momento em que furtava a residência. A história foi reconstituída, aos olhos da imprensa, no dia 30/04/2008.

A cobertura do caso pelos dois jornais diários prudentinos, Oeste Notícias e O Imparcial, durou de 24/04/08 a 01/05/2008, ou seja, do dia após o crime até o dia seguinte da reconstituição feita pela polícia. Neste período, cinco edições de cada periódico publicaram notícias sobre o caso na capa e também em uma

página interna. Foram, no total, vinte páginas que abriram espaço para falar sobre a morte de Danilo e 32 fotografias com relação ao crime publicadas no período analisado. As fotografias foram tomadas por cinco profissionais, quatro fotógrafos oficiais dos impressos (José Reis e Márcio Oliveira, do O Imparcial, e Onofre Ferreira Nascimento e Jorge Santos, do Oeste Notícias) e um repórter policial (Cícero Affonso, também do Oeste Notícias).

Este estudo prevê a análise da cobertura fotojornalística do caso feita pelos dois jornais nos dias 26 e 27/04/08. São quatro edições com imagens que se relacionam à identificação do suspeito do crime, apontado pela polícia como sendo o caldeireiro Paulo Rogério Gama.

Para produzir a análise apresentada neste artigo, o método empregado foi a desconstrução analítica, que consiste, basicamente, na identificação do uso dos recursos técnicos e dos elementos da linguagem fotográfica para discutir a geração de sentido do fotógrafo e do veículo de comunicação. Ao método, foram incorporadas entrevistas realizadas com os três autores das fotografias analisadas.

Vale salientar que esta busca pela intencionalidade de comunicação é indicial e aproximada e que “[...] as



leituras não são estanques e as interpretações podem variar de acordo com o observador, pois cada um sempre estará condicionado ao seu repertório cultural, político e social.” (BONI; LÉLLIS, 2007, p.6). Boni complementa:

A leitura de uma fotografia é idiossincrática: cada um lê à sua maneira e ‘n’ variáveis influenciam essa leitura, do repertório pessoal às peculiaridades do momento em que a pessoa estiver lendo a fotografia. Da frieza da razão à emotividade que o tema fotografado pode causar no leitor. (2005a, p.73)

Tal estudo, envolvendo a análise das fotografias publicadas no momento em que a polícia aponta o suspeito do assassinato, é considerado importante porque traz à tona a discussão da cobertura imagética de um caso que rendeu muitos desdobramentos e manchetes para a imprensa de Presidente Prudente, o que nem sempre é comum.

Além disso, a proposta é refletir sobre o dilema que o repórter fotográfico vivencia na sua rotina profissional: garantir o direito à informação sem ferir o direito à imagem da pessoa fotografada.

2.1 O Papel do Fotojornalista

Ter nas mãos a responsabilidade de congelar o próprio entendimento da realidade, sem dúvidas, é tarefa que requer muito preparo e consciência. “Toda fotografia tem sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um aspecto dado do real, em determinado lugar e época.” (KOSSOY, 2001, p. 36)

De fato, o bom fotojornalista é aquele que conhece o equipamento que vai manusear, entende dos elementos que constituem a linguagem fotográfica, a fim de levar ao leitor, por meio de imagens, a sua tradução da notícia. Para Sousa, “[...] O fotojornalista não apenas reporta as notícias, como também as “cria”: as (foto) notícias são um artefato construído por força de mecanismos pessoais, sociais (incluindo econômicos), ideológicos, históricos, culturais e tecnológicos.” (2000, p.23)

É preciso recorrer à história para entender como se deu a profissionalização do repórter fotográfico nos meios de comunicação impressos. No século XIX, acompanhando o advento da fotografia, os profissionais eram poucos e trabalhavam com muita dificuldade. Não só pela falta de conhecimento sobre o novo invento, mas também

2 Fundamentação Teórica



pelo desconforto de transportar os quilos e mais quilos de equipamentos.

A tecnologia foi evoluindo, e não demorou para o fotógrafo passar a ser percebido na sociedade. Primeiro por causa do mau cheiro e da luz ofuscante dos flashes de magnésio (SOUSA, 2000, p.47). Depois, porque esses profissionais se tornaram celebridades ao freqüentar pontos de encontro da alta sociedade e conseguir colocar na mídia as imagens que produziam das pessoas.

Jean Manzon, fotógrafo francês, contratado para trabalhar na revista O Cruzeiro (em 1944), de Assis Chateaubriand, foi quem externou a preocupação de reconhecer e organizar o trabalho do fotojornalista no Brasil. Tal profissão passou a ser tão importante que se equivalia com a de um repórter durante a formação de duplas para a produção de reportagens especiais.

[...] É interessante notar que muitas vezes era o próprio fotógrafo quem escrevia os textos e as legendas de suas reportagens. Estabeleceu-se uma dinâmica entre a fotografia e o texto, cada um tentando deter para si o privilégio na definição dos acontecimentos. Esta muda disputa caracterizou o nosso moderno fotojornalismo que fez do leitor um co-participante. Ele podia sugerir temas para as reportagens, indicar o fotógrafo que deveria fazê-las tinha quase sempre o

seu pedido atendido. O repórter fotográfico, para fazer valer suas intenções ideológicas, desenvolveu sobremaneira a visão fotográfica. (COSTA; SILVA, 2004, p.104-105)

Intenções e visões que passaram a ser discutidas em sala de aula brasileira, em 1962, quando a Faculdade Cásper Líbero, em São Paulo, inclui a disciplina de fotografia em seu currículo. No entanto, poucos conseguem a tarefa de escrever com a luz e transformar um emaranhado de códigos abertos em um organizado conjunto informativo. Porque este sim é o verdadeiro papel do fotojornalista: usar os recursos da linguagem fotográfica para fazer com que seu trabalho, expresso em imagens, informe, de acordo com a responsabilidade social, uma inerência da profissão do comunicador.

A imagem do real retida pela fotografia (quando preservada ou reproduzida) fornece o testemunho visual e material dos fatos aos espectadores ausentes da cena. A imagem fotográfica é o que resta do acontecido, fragmento congelado de uma realidade passada, informação maior de vida e morte, além de ser o produto final que caracteriza a intromissão de ser fotógrafo num instante dos tempos. (KOSSOY, 2001, p. 36-37)

2.2 Linguagem Fotográfica



A câmera fotográfica é como o bisturi de um médico. Nortea recortes, tem o poder de solucionar problemas de uma sociedade desinformada. E assim como na linguagem verbal, a constituição da mensagem fotográfica está impregnada de manipulação antes, durante e após o ato de fotografar (KOSSOY, 2007, p.54). Cabe ao fotojornalista escolher os recursos que vai utilizar para transmitir sua mensagem imagética.

De acordo com Boni (2000), são elementos da linguagem fotográfica:

- a) Planos de tomada – do mais aberto ao mais fechado, escolhendo o espaço que vai ficar visível aos olhos do leitor;
- b) Composição – arranjo dos elementos em cena;
- c) Foco – pode ser homogêneo ou seletivo, assim, ampliando ou não a profundidade de campo de uma imagem;
- d) Ângulo – exhibe o ponto de vista diante daquilo que é fotografado, podendo ser neutro, valorativo ou rebaixador de algo ou alguém;
- e) Movimento – idéia produzida por meio de

técnicas, sensibilidade e criatividade do fotógrafo;

f) Textura – proporcionar sensações como se o leitor estivesse tocando na foto e conseqüentemente no objeto fotografado;

g) Contraste – alterações de tons (contraste tonal) e luz (contraste luminoso) na imagem;

h) Tonalidade – relacionada à cor que predomina na fotografia;

i) PB ou Cor – valorização de cores para acentuar plasticidade, ou opção de usar apenas o preto e branco, também com fins estéticos;

j) Iluminação – luz natural ou artificial (flash).

k) Forma – horizontal, vertical, quadrada, panorâmica, com ou sem moldura;

l) Elementos de significação – ajudam na construção do significado da cena, visualizado pelo fotógrafo;

m) Aberrações – podem ser propositais ou acidentais, causando efeitos óticos.

n) Equilíbrio – disposição dos elementos, responsável



pelo prazer de leitura da imagem.

Os catorze elementos acima citados evidenciam-se de forma única a cada imagem, dependendo da intencionalidade da comunicação pretendida e ainda do contexto da tomada da fotografia.

2.3 Desconstrução Analítica e Geração de Sentido

A fotografia “[...] sempre se prestou e sempre se prestará aos mais diferentes e interesseiros usos dirigidos”. (KOSSOY, 1999, p.19). Por isso:

É necessário que se compreenda o papel cultural da fotografia: o seu poderio de informação e desinformação, sua capacidade de emocionar e transformar, de denunciar e manipular. Instrumento ambíguo de conhecimento, ela exerce contínuo fascínio sobre os homens. (KOSSOY, 2007, p. 31)

O bom emprego da linguagem fotográfica auxilia a leitura da imagem por parte do leitor. Mas também traz benefícios ao trabalho do fotojornalista.

Os elementos da linguagem fotográfica funcionam como uma espécie de ‘vocabulário’, que o fotógrafo utiliza para ‘traduzir’ ao leitor o significado que havia construído antes de apertar o disparador de seu equipamento fotográfico. O uso de recursos técnicos e o domínio da linguagem fotográfica são, para o fotógrafo, como caneta e

papel, elemento e suporte necessários para que ele ‘escreva’ da forma peculiar, ou seja, com imagens. Ao fotografar, mesmo que de forma inconsciente, o fotógrafo ‘transfere’ sua subjetividade, seu modo de pensar para a fotografia. (BONI, 2005b, p.83)

As técnicas e os elementos de composição da imagem, quando bem trabalhados, ajudam na redução da quantidade de interpretações da imagem. “O processo de indução da leitura, contudo, não se consuma no momento da obtenção da imagem. Ao chegar à redação, ela passa ainda pelo crivo, critérios ou interesses da edição.” (BONI; ACORSI, 2006, p.132)

E quando chega para o leitor, a imagem, carregada de intencionalidade, pode ser analisada de diversas formas, a partir de diferentes olhares.

[...] se persistirmos em nos proibir de interpretar uma obra sob o pretexto de que não se tem certeza de que aquilo que compreendemos corresponde às intenções do autor, é melhor parar de ler ou contemplar qualquer imagem de imediato. Ninguém tem a menor idéia do que o autor quis dizer; o próprio autor não domina toda a significação da imagem que produz. [...] De fato, são necessários, é claro, limites e pontos de referência para uma análise. Será possível, exatamente, ir buscar esses pontos de referência nos pontos comuns que minha análise pode ter com a de outros leitores comparáveis a mim. Com certeza, não nas hipotéticas intenções do autor. (JOLY, 2006, p.44)

Em sua tese de doutorado, Boni (2000) sugere um método para



entender qual o sentido gerado a partir de uma fotografia. O processo se dá a partir da desconstrução das técnicas e da linguagem empregadas pelo fotógrafo. Os elementos constitutivos da mensagem fotográfica sinalizam interpretações sob o ponto de vista da intencionalidade da comunicação.

2.4 O direito à imagem X O direito à informação

De acordo com Sousa (2004, p.26), desde os anos oitenta do século passado as câmeras fotográficas estão incorporadas na rotina das pessoas. Por isso, “Levantam-se, com mais acuidade, os problemas do direito à privacidade. Cresce a dificuldade de definição das fronteiras do fotojornalismo, devido à invasão dos jornais por gêneros fotográficos e por temas que antes eram tratados como marginais.” E assim surge também a necessidade do debate ético entre o direito à imagem x o direito à informação no campo do fotojornalismo.

A propósito da ética aplicada ao fotojornalismo, o Reporters Committee for Freedom of the Press enuncia quatro princípios que devem prevenir a obtenção de fotografias que possam atentar contra reserva de intimidade da vida privada:

- Intrusão injustificada no espaço privado de outrem;
- Revelação pública de fatos privados;

- Apresentação pública de uma pessoa sob uma perspectiva falsa;
- Apropriação não consentida da imagem de uma pessoa para fins comerciais. (SOUSA, 2004, p. 113-114)

Atualizado em agosto de 2007, o novo Código de Ética dos Jornalistas não esclarece pontos contraditórios, como o 6º artigo. O inciso II diz que é dever do jornalista “divulgar os fatos e as informações de interesse público” (FENAJ, 2008). Já o inciso VIII, lembra outro dever: “respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão”. (FENAJ, 2008) As duas orientações podem, certamente, ser seguidas à risca em editoriais onde estão em jogo o interesse da fonte em divulgar uma informação e o interesse do jornalista em ter uma informação para divulgar. No entanto, como aplicar os direcionamentos previstos no documento que regulamenta a conduta profissional do jornalista nos casos de denúncia, corrupção e flagrante? Ou seja, na cobertura de spot news.

As spot news são as fotografias “únicas” de acontecimentos “duros” (hard news), frequentemente imprevistos. Nestas situações os fotojornalistas, geralmente, têm pouco tempo para planejar as imagens que querem obter. Aconselha-se sempre a pré-visualização. Mas, no calor de um acontecimento, é a capacidade de reação que muitas vezes determina a

qualidade jornalística da foto. (SOUSA, 2004, p. 90)

acompanhado do título “Polícia Civil pede prisão de suspeito”. (Figura 1)

E ampliando um pouco mais a discussão: está nas mãos do fotojornalista a decisão de fotografar, por exemplo, pessoas envolvidas em crimes ou ele deve sempre garantir a imagem e transferir essa decisão para o editor?

Vejamos como foi a cobertura fotojornalística de um caso de homicídio, que resultou na divulgação da imagem do suspeito do crime.

3 Análise das imagens do Oeste Notícias e de O Imparcial

Danilo de Souza Oliveira, de nove anos, foi assassinado no dia 23/04/2008. As investigações policiais, bem como a cobertura do fato pela imprensa local começaram imediatamente. Ambas instituições em busca de respostas idênticas: quem matou, como cometeu o homicídio e por que tamanha barbárie?

Três dias após o crime (26/04/2008), os dois principais jornais prudentinos divulgam na capa a notícia da identificação de um suspeito envolvendo a morte do garoto. No Oeste Notícias não foram publicadas fotos, mas o assunto ganha destaque na dobra superior com um chapéu com as palavras “Caso Danilo” escritas em um fundo vermelho, a cor do sangue,



FIGURA 1 – Capa Oeste Notícias – 26/04/2008

Em contrapartida, O Imparcial exibe na capa do mesmo dia (26/04/2008) um exemplo de flagrante fotojornalístico. (Figura 2)



FIGURA 2 – Capa O Imparcial – 26/04/2008
Foto: José Reis



FIGURA 3 - Capa O Imparcial –
26/04/2008 em destaque
Foto: José Reis

Era quase meia-noite do dia anterior quando o fotógrafo do jornal ligou para a editora-chefe anunciando que havia conseguido a “foto da capa”. Após quatro horas de espera, o fotojornalista registra o momento em que o principal suspeito do assassinato deixava a delegacia, após confessar o crime. José Reis, que fez o curso técnico em fotografia pelo Senac, lembra com detalhes os momentos da máquina em punho registrando uma dúzia de fotos do suspeito do crime que deixou a sociedade prudentina perplexa. Segundo ele, a imagem foi possível porque estava preparado, com o flash carregado e inclusive o próprio cenário montado em sua mente. “[...] ele tinha que passar por este corredor do estacionamento da Participativa (Delegacia que funciona 24 horas em Prudente) e eu já imaginei, como tinha esta viatura aqui, ele vai ter que passar por aqui. Já estava com equipamento preparado”, detalha Reis.

De fato, a intenção do fotógrafo foi concretizada na fotografia da capa do periódico no dia 26/04/2008. A imagem ocupa quase toda a dobra superior do jornal, sem título para esta manchete, mas com legenda descritiva e informativa (“Paulo Rogério Gama, 32 anos, foi preso ontem após o juiz da 3º Vara Criminal de Presidente Prudente, Emerson Ueocka, decretar sua prisão temporária por cinco dias. Gama é apontado, pela polícia, como principal suspeito pela morte de Danilo de Souza Oliveira, 9 anos).

Ao descrever a imagem, percebe-se que estão, no primeiro plano, o suspeito do homicídio, com o rosto coberto por uma jaqueta jeans, acompanhado de um investigador de polícia. Ao fundo, compõe o cenário uma viatura policial.

Em termos de técnica fotográfica, o autor conseguiu captar com boa qualidade o flagrante ao deixar bem iluminada a imagem e também ao garantir bom foco e enquadramento de um momento em que os elementos de composição se movimentavam em cena.

Além disso, é evidente a preocupação do fotógrafo com os personagens ao optar pelo plano americano, que corta o elemento humano acima dos joelhos ou pela cintura. (BONI, 2003, p.173)



No entanto, permanece no enquadramento a viatura policial, considerada um elemento de significação, que contextualiza a ação. “A presença de um símbolo – ou mesmo um ícone – pode ampliar o conteúdo significativo da mensagem fotográfica.” (BONI, 2005a, p.71). Isso quer dizer que o veículo remete o leitor ao ambiente policial, no momento em que vislumbra a imagem.

Mesmo tendo pelo menos dez fotos publicáveis do principal suspeito do crime, o jornal O Imparcial utilizou na página interna (2B2, no dia 26/04/2008) outra imagem. (Figura 4)



FIGURA 4 – Caderno Cidades O Imparcial, Página 2 B2 – 26/04/2008
Foto: Márcio Oliveira



FIGURA 5 – Caderno Cidades O Imparcial, Página 2B2 – 26/04/2008, em destaque
Foto: Márcio Oliveira

O fotógrafo José Reis justifica que, quando fez a fotografia que foi publicada na capa, todas as páginas internas do caderno Cidades 2 já haviam sido enviadas para a impressão.

Moretson (2002) fala bem sobre esta questão da produção industrial jornalística. Jornal nasceu para ter lucros. O orçamento de empresas pequenas, do interior, pode ser afetado com o atraso de impressão e de distribuição do periódico.

A imagem (destacada na Figura 5), de autoria de Márcio Oliveira, também foi um flagrante jornalístico. Mostra o momento em que o pai do garoto assassinado deixa uma sala da delegacia, após prestar depoimento. A baixa qualidade técnica da fotografia não impediu sua publicação. Há pouca luz, desfoque do lado esquerdo e em primeiro plano um homem de costas ganha destaque, mas não é mencionado nem no texto, nem na



legenda. Aliás, vale destacar que a legenda (“Ontem, Gilberto Alves de Oliveira, pai do garoto assassinado, falou à polícia”) não localiza o personagem, neste caso, o pai de Danilo.

Ao ser questionado, o fotógrafo Márcio Oliveira afirmou que havia o pedido para que não fossem feitas fotografias neste momento. Mas o profissional não se intimidou, considerou o momento importante. E programou sua Nikon D-80 no modo de disparo automático, que faz diversos quadros por segundo sem garantir, necessariamente, o disparo do flash em todos eles.

Já o brasão ao fundo é um elemento de significação colocado em cena de forma proposital pelo fotógrafo, que deixou o enquadramento bem aberto, sobrando “muito teto”.

[...] os elementos de significação, pertencentes ou ‘incluídos’ no cenário, são constitutivos da linguagem fotográfica e também deles o fotógrafo pode lançar mão para traduzir ao leitor o significado que houvera construído antes de destacar um fragmento espaço temporal da realidade presenciada. (BONI, 2000, p. 99)

No entanto, o que merece realmente destaque nesta página é a contradição que pode haver entre o título (“Justiça decreta prisão

temporária de suspeito”) e a fotografia, que tinha o objetivo de destacar o pai da vítima, aquele que aparece visivelmente emocionado. Além de o pai não ser identificado na legenda, aparecem outras três pessoas que o seguem sem identificação.

Desta forma, o leitor está diante de uma encruzilhada. Se lê o título e vê a foto, determina aos olhos buscar o suspeito. Não encontra e recorre à legenda. O texto também não informa e traz então outra dúvida: quem é o pai do garoto? Dúvida que permanece na página interna do jornal concorrente (Oeste Notícias) ao abordar o assunto. (Figura 6)



FIGURA 6 – Primeiro Caderno Oeste Notícias, Página 1.6 – 26/04/2008
Foto: Cícero Affonso



FIGURA 7 – Primeiro Caderno Oeste Notícias, Página 1.6 – 26/04/2008
Foto: Cícero Affonso

A fotografia, publicada em duas colunas na dobra superior do jornal, acompanhando a matéria considerada mais importante da página, foi tomada pelo repórter policial do periódico Cícero Affonso (que inclusive teve o sobrenome grafado errado – “Cffonso” – no crédito da foto).

Em entrevista, Affonso, que há trinta e um anos atua no jornalismo com registro profissional por tempo de serviço, explicou que recebeu dos fotógrafos do Oeste Notícias uma câmera Sony FDMavica, especialmente para registrar flagrantes e fatos de menor importância que não necessitem dos profissionais de fotografia do jornal. Foi com este equipamento que o repórter capturou o momento em que o pai do garoto, amparado por amigos, deixa a Delegacia de Investigações Gerais, responsável pela elucidação do crime. A foto está enquadrada em um plano médio, “[...] muito utilizado para caracterizar o homem [...] no local de

acontecimento de determinado fato.” (BONI, 2003, p.173)

Percebe-se que não foi utilizado o flash, mas que houve a preocupação com a composição da imagem. O repórter, na condição de fotógrafo, escolheu um posicionamento que pudesse, ainda que ao fundo, mostrar o pai saindo do local, numa postura que revela desespero. O personagem está lá, mas quem é ele? Trata-se do homem de costas que veste camiseta clara e blusa amarrada na cintura.

Ainda nesta fotografia houve valorização do primeiro plano, não por intenção do fotógrafo, mas pela presença de três homens que não se sabe se têm qualquer relação com o assunto. Affonso relembra como a fotografia foi tomada: “Ele (referindo-se ao pai de Danilo) saiu por uma porta e eu estava até em outra. Quando vi, consegui ainda mirar e tirar a foto. Acho que a imagem é boa porque consegue mostrar a movimentação do caso. Foi um flagrante.”

Sem elementos de significação muito claros, a legenda (“Momento em que o pai do menino assassinado deixava a DIG amparado por amigos na tarde de ontem”), neste caso, funciona como texto esclarecedor da imagem. É a explicação abaixo da fotografia que a contextualiza e lhe dá sentido, no entanto, não direciona o olhar para quem é pai.



Além disso, a fotografia acompanhada da legenda não complementa o título da reportagem “DIG pede prisão de um suspeito de matar Danilo”. Na página, a ausência de simbiose entre imagem e textos compromete. Isso porque a fotografia não chega a competir com outras duas imagens à direita da página sobre uma homenagem a policiais militares de Presidente Venceslau. Assim, o leitor pode prender-se inicialmente à manchete e depois ao direcionar os olhos à imagem ter a impressão que o suspeito é um desses homens que fazem parte dela.

Mas o rosto do suspeito apontado pela polícia, Paulo Rogério Gama, só é divulgado na capa do Oeste Notícias do dia 27/04/2008. (Figura 8)



FIGURA 8 – Capa Oeste Notícias – 27/04/2008
Foto: Cícero Affonso



FIGURA 9 – Capa Oeste Notícias – 27/04/2008, em destaque
Foto: Cícero Affonso

O jornal Oeste Notícias coloca em evidência o caso do assassinato do menino no dia 27/04/2008. O chapéu identificando o crime (“Caso Danilo”) com fundo vermelho é reutilizado. E a manchete da edição (“Caldeireiro confessa ter matado menino de 9 anos e é preso”) vem acompanhada de uma fotografia do tipo boneco do suspeito, identificado como Paulo Rogério Gama. Além desta fotografia que destaca a pessoa, outras sete são distribuídas na capa com a mesma intenção, dar ênfase ao personagem fotografado. Trata-se, pois, de uma capa que mais parece uma coluna social, muito comum em jornais do interior onde poucos fatos factuais acontecem. O repórter do impresso, Cícero Affonso, que há dezenove anos cobre o setor policial, sendo treze anos em Presidente Prudente, é o autor da imagem.



Após tanto tempo na mesma função, percebe-se a facilidade e abertura do repórter nos ambientes policiais, que favoreceram a tomada da fotografia do suspeito pouco depois de sua prisão. Affonso conta como foi o momento: “Foi junto com a polícia, quando ela estava fazendo o reconhecimento inicial dele pegando as digitais, estatura, gravação de voz e outras coisas. Quando ele se posicionou pra foto, eu tirei uma também.”

O equipamento utilizado, segundo o autor, foi a mesma máquina digital Mavica, da Sony, que trabalha com disquetes. “A máquina é digital e faço muito pouco. Procuro sempre trabalhar a composição e o enquadramento. O resto, ela que faz, né?”, revela Affonso.

Em termos de linguagem fotográfica, o repórter utilizou-se do close-up, que “[...] isola o sujeito do ambiente, chamando para cima dele a atenção do leitor. É tão fechado que destaca a fisionomia do sujeito, registrando em pormenores seus traços e emoções.” (BONI, 2003, p.174) No fotojornalismo, o close-up é pouco empregado, ainda mais na capa, por ser um plano que limita o quadro para alguém ou algo específico, sem espaço para retratar a ação ou o contexto em que ocorreu. No entanto, trata-se do enquadramento padrão usado pela polícia para identificar criminosos em

seus registros. O que faz emanar uma pergunta. Para o leitor o que seria mais interessante: o rosto do suspeito olhando diretamente para a lente da câmera ou o momento em que é preso, tentando se esconder do fotógrafo, como fez O Imparcial? (Figura 10)



FIGURA 10 – Caderno Cidades, O Imparcial, Página 4B – 27/04/2008
Foto: José Reis



FIGURA 11 – Caderno Cidades, O Imparcial, Página 4B – 27/04/2008, em destaque
Foto: José Reis

Novamente o “Caso Danilo” é abre de página do caderno de cidades do jornal O Imparcial. Em 27/04/08, o fato



quase preenche toda a página 4 do caderno Cidades. Duas fotografias foram selecionadas pelos editores e ganharam destaque.

Uma delas é a tomada pelo fotógrafo José Reis na madrugada do dia anterior, momento em que o suspeito é transferido da Delegacia Participativa de Prudente para uma cadeia da região, logo após ter sua prisão decretada pela Justiça.

A imagem está em close-up, e há um estouro de luz, já que o autor optou em disparar um flash potente (Nikon SB 800) e garantir a imagem num momento em que estava bem escuro. Com isso, o fotógrafo conseguiu um bom contraste tonal, em escalas diferentes na cor cinza. É importante observar, enquanto linguagem fotográfica, o formato da imagem: quadrada. Certamente o recorte foi feito no momento da diagramação da página, que não prejudicou a informação transmitida pela imagem.

Na mesma página, outra fotografia, também em close-up, do delegado responsável pelo caso, Antenor Pavarina, dando entrevistas sobre o tema, inclusive no dia em que anunciou a reconstituição do crime. No entanto, a imagem não será analisada porque não está relacionada à imagem do suspeito do crime, que é objeto de estudo deste trabalho.

Na mesma data, O Imparcial não divulga imagem relacionada ao caso na capa, como mostra a figura 12, apenas uma chamada, que diz “Suspeito confessa ter matado menino, por tê-lo reconhecido durante furto.”



FIGURA 12 – Capa O Imparcial – 27/04/2008

4 Considerações finais

A morte de Danilo de Souza Oliveira, de 9 anos, rendeu ao noticiário local uma semana de cobertura. Na mídia impressa, o assunto ganhou destaque com a prisão do suspeito por responder aos anseios da sociedade.

Como mercadoria, a notícia deve ser oferecida de acordo com o gosto do freguês. E, evidentemente, a qualidade do produto passa a ser medida exclusivamente por esse padrão mercadológico: um jornal é bom simplesmente porque vende ou tem



audiência. (MORETZON, 2002, p.171)

Ao investir na divulgação da imagem do homem que seria o autor do homicídio, os dois periódicos locais, conquistaram leitores, ávidos pelo desfecho da história. Tornou-se evidente o desejo dos jornais de investir na cobertura fotojornalística, mesmo quando as imagens não casavam com o gancho da reportagem, o que foi possível ser detectado nas duas imagens internas publicadas no dia 26/04/2008, que ilustram a notícia do pedido de prisão do suspeito.

O objetivo aqui não é discutir a publicação ou não de imagens de suspeitos, porque existe o entendimento que à Justiça cabe essa decisão. Está claro que esta responsabilidade não pode ser transferida ao fotojornalista, especialmente em situações de flagrante.

Parece inquestionável também que qualquer cidadão que venha a se sentir prejudicado quanto ao uso de sua imagem por meio da imprensa pode recorrer aos meios judiciais para questionar a decisão da empresa jornalística e tem chances de sair vencedor.

Os dois momentos em que Paulo Rogério Gama, apontado pela polícia como o assassino confesso, aparece

nos jornais (capas O Imparcial, de 26/04/2008 e Oeste Notícias, de 27/04/2008) podem ser considerados de interesse público. O que se observa é a diferença quanto à tomada da imagem. Em O Imparcial, o flagrante fotojornalístico é um fato. Já no Oeste Notícias, percebe-se que a foto foi feita não por consentimento, mas pelas circunstâncias, já que era no exato momento do registro policial.

Este artigo propõe trazer à tona esta discussão porque, mesmo atualizado há menos de um ano, o Código de Ética de Jornalista ainda não responde ao principal dilema de quem tem nas mãos a responsabilidade de garantir, por meio de imagens, a notícia. A lei é paradoxal se estiverem na mesma balança o interesse público e o individual.

São implicações em discussões éticas sobre a atividade diária do fotojornalista, que, infelizmente, continua agindo de acordo com seus princípios morais, questionando-os a cada instante decisivo.

E o fazer fotográfico, que está repleto de intencionalidade por parte do profissional e do veículo de comunicação não pode se aproximar apenas de algo pejorativo. “Alguns condenam a geração de sentido, alegando ferir a ética”, alertam Boni e Acorsi (2006, p.136) Segundo os autores, a proposta seria uma



legislação específica para o fotojornalismo, que reduziria os conflitos, mas não cessariam os problemas, já que a leitura de imagens é algo subjetivo em sua essência.

Na prática, sabe-se que existem muitos engajados nesta causa, que ainda vagueia no âmbito da discussão. Enquanto as ideias não se transformam em discurso textual, reconhecido publicamente pelas entidades de classe, cabe ao fotojornalista cultivar seu bom senso. Estar sempre incomodado pela garantia dos direitos básicos que permeiam a sua atividade. E, mesmo sem conseguir se distanciar do fervor do momento, colocar nos dois pontos da balança o direito à informação e o direito à imagem. Agora observe: qual é o lado que, naquele instantâneo fotográfico, pesa mais? Eis um convite à reflexão.

Referências

BONI, Paulo César. Linguagem Fotográfica: objetividade e subjetividade na composição da mensagem fotográfica. Formas e Linguagens. Ed. Ujuí (RS). Ano 2, n.5, p.165-187, jan./jun. 2003.

_____. O discurso fotográfico: a intencionalidade de comunicação no fotojornalismo. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). São Paulo: ECA/USP, 2000.

_____. A fotografia como forma de ver o mundo. In: REZENDE, Lucinea Aparecida de (org.). Leitura e visão de mundo: peças de um quebra-cabeça.

Londrina: Atrito Art Editorial, 2005a. p. 63-72.

_____. 2005b. Fotografia e Mídia: da construção da imagem à veiculação de ideologias. Formas e Linguagens. Ed. Ujuí (RS). Ano 4, n.9, p. 73-89, jan./jun. 2005.

BONI, Paulo César; ACORSI, André Reinaldo. A margem de interpretação e a geração de sentido no fotojornalismo. Libero. São Paulo, ano IX, n.18, p.127-137, jul./dez. 2006.

BONI, Paulo César; LÉLLIS, Leonardo Catarino. O discurso fotográfico da Folha de S.Paulo nas Eleições 2006. Artigo submetido a aceite em congressos e enviado para publicação.

COSTA, Helouise; SILVA, Renato Rodrigues da. A fotografia moderna no Brasil. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

FENAJ. Federação Nacional dos Jornalistas. Disponível em <<http://www.fenaj.org.br/materia.php?id=1811>>. Acesso em: 17 jun. 2008.

JOLY, Martine. Introdução à análise da imagem. 10.ed. Tradução: Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 2006.

KOSSOY, Boris. Realidades e ficções na trama fotográfica. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 1999.

_____. Fotografia & história. 2.ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2007.

MORETZSOHN, Sylvia. Jornalismo em tempo real: o fetiche da velocidade. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

SOUSA, Jorge Pedro. Uma história crítica do fotojornalismo Ocidental. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

_____. Fotojornalismo: introdução
à história, às técnicas e à linguagem da
fotografia na imprensa. Florianópolis:
Letras Contemporâneas, 2004